

**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES  
ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO BÁSICO (EREREBÁ)**

Raysa Maria Oliveira dos Reis

**SABERES ANCESTRAIS NA CONTEMPORANEIDADE:  
O Griô Nei Lopes e as Personalidades Negras**

Rio de Janeiro  
2025



Raysa Maria Oliveira dos Reis

**SABERES ANCESTRAIS NA CONTEMPORANEIDADE:**  
O Griô Nei Lopes e as Personalidades Negras

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado a Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Orientadora Professora: Dra. Aline Cristina Oliveira do Carmo.

Rio de Janeiro  
2025

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

R375 Reis, Raysa Maria Oliveira dos  
Saberes ancestrais na contemporaneidade : o griô Nei Lopes e as  
personalidades negras / Raysa Maria Oliveira dos Reis. - Rio de Janeiro,  
2025.

22 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de  
Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no  
Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-  
Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Aline Cristina Oliveira do Carmo.

1. Relações étnico-raciais - Estudo e ensino. 2. Griots. 3. Memória.  
4. Representatividade racial. 5. Ancestralidade. 6. Lopes, Nei, 1942-. I.  
Carmo, Aline Cristina Oliveira do. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Raysa Maria Oliveira dos Reis

**SABERES ANCESTRAIS NA CONTEMPORANEIDADE:**  
O Griô Nei Lopes e as Personalidades Negras

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado a Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Aprovado em: 29 / 04 / 2025

Banca Examinadora:

---

Prof. Dra. Aline Cristina Oliveira do Carmo (Orientadora)  
(EREREBÁ / Colégio Pedro II)

---

Prof. Litt. D. Osmar Soares da Silva Filho  
(EREREBÁ / Colégio Pedro II)

---

Prof. Dra. Alessandra Pio  
(UFRRJ / Profa. História)

Rio de Janeiro  
2025

## **SABERES ANCESTRAIS NA CONTEMPORANEIDADE: O GRIÔ NEI LOPES E AS PERSONALIDADES NEGRAS**

Raysa Maria Oliveira dos Reis

**Resumo:** O presente trabalho tem o intuito de ratificar o entendimento acerca de Nei Lopes como um griô na contemporaneidade. O artigo promoverá uma reflexão sobre essa linha de pensamento, com base nos estudos de Amadou Hampâté Bâ publicado no artigo “A Tradição Viva” (2010). Também utilizará uma obra literária do próprio autor, o livro “Afro-Brasil Reluzente: 100 Personalidades Notáveis do Século XX” (2019), para tornar mais acessível a compreensão da arte de ser griô, com exemplos de histórias de vida das personalidades citadas no livro. Por fim, destacarei a importância dos caminhos escolhidos por Nei Lopes para preservar a memória e a representatividade do negro.

**Palavras-chave:** griô; memória; representatividade.

## **ANCESTRAL KNOWLEDGE IN CONTEMPORARY TIMES: THE GRIOT NEI LOPES AND BLACK PERSONALITIES**

**Abstract:** This paper aims to ratify the understanding of Nei Lopes as a griot in contemporary times. The article will promote a reflection on this line of thought, based on the studies of Amadou Hampâté Bâ published in the article “A Living Tradition” (2010). It will also use a literary work by the author himself, the book “Shining Afro-Brazil: 100 Notable Personalities of the 20th Century” (2019), to make the understanding of the art of being a griot more accessible, with examples of life stories of the personalities mentioned in the book. Finally, I will highlight the importance of the paths chosen by Nei Lopes to preserve the memory and representation of black people.

**Keywords:** griot; memory; representativeness.

## 1 INTRODUÇÃO

“Podes crer no axé dos teus ancestrais”  
Martinho da Vila<sup>1</sup>

Salve a Mãe África. Peço licença aos orixás e a toda ancestralidade. A minha escrita é antes de tudo um reflexo da minha reverência à sabedoria dos mais velhos, algo que sempre tive como fundamento, sobretudo por questões religiosas. Ademais, sempre me encantei por personalidades negras que tenham um notório saber intelectual. Desde quando comecei a aprofundar meus estudos na área de relações étnico-raciais, percebi que era o momento de escrever sobre essas questões, as quais considero importantes, não só para desenvolver o intelecto, mas também uma forma de reverenciar a minha ancestralidade.

Tenho uma trajetória familiar de ascensão social por meio da educação, me refiro à família materna no caso, onde minha falecida avó Maria de Lourdes Silva Oliveira, criou três filhos numa situação de vulnerabilidade social. Eles moravam inicialmente na Favela do Esqueleto (onde hoje se localiza a UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro), depois foram para o Morro dos Macacos em Vila Isabel. Mesmo com todas as dificuldades, meus falecidos tios André Carlos, Eleutério e minha mãe Maria de Fátima puderam estudar e conseguiram progredir na vida. Destaco a trajetória do meu falecido tio Eleutério de Oliveira, por ter alcançado degraus mais longe na escala social. Meu tio Eleutério era Bacharel em Letras Português-Alemão pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e concluiu também, o curso de Bacharel em Direito, pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), tornando-se Oficial de Justiça do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ). Era um apaixonado pela Unidos de Vila Isabel, sua escola de samba do coração.

Nessas andanças que a vida lhe proporcionou, ele teve amizade com dois ícones do mundo negro, Martinho da Vila e Nei Lopes. Por que é importante mencionar essa história?! Porque reverencio a minha ancestralidade, carinho enorme por quem já se foi há mais de vinte anos e ter ser tornado uma referência negra não só para a minha pessoa, como para a família e amigos. Cabe uma ressalva, eu era mais nova nessa época, não tinha tanta consciência racial e nem imaginava que no futuro, eu iria adorar ter tantos conhecimentos sobre a cultura africana e afro-brasileira, amar estudar coisas relativas à África.

Eu gosto muito de samba, não só ouvinte como também costumo frequentar algumas rodas de samba. Nesse território de música afro-referenciada, não é incomum tratar alguém mais velho em experiência como o griô. E senti que havia a necessidade de adquirir conhecimentos, sobre as definições acerca da figura do griô. Sendo assim, o meu trabalho visa celebrar em vida e homenagear o grande escritor, sambista e pesquisador de culturas africanas, Nei Braz Lopes.

Nei Lopes nasceu no dia 9 de maio de 1942, em Irajá, no Rio de Janeiro. Bacharel em Direito e Ciências Sociais pela antiga Universidade do Brasil (atual UFRJ), em 1966. Além de músico e compositor, é autor de uma vasta obra literária voltada à temática afro-brasileira constituída por contos, crônicas, romances, poesias e dicionários; livros com destaque: *Novo Dicionário Banto do Brasil* (Pallas, 2012), *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* (Selo Negro, 2011) e *Kitábu: o Livro do Saber e do Espírito Negro-Africanos* (Malê, 2024).

---

<sup>1</sup> Verso da música *Semba dos Ancestrais* de autoria de Martinho da Vila e Rosinha de Valença, do álbum *Criações e Recriações* de Martinho da Vila, ano 1985. Martinho da Vila (nome artístico de Martinho José Ferreira), nascido no dia 12 de fevereiro de 1938, em Duas Barras, é um cantor e compositor de samba.

O escritor também foi agraciado com o título Doutor *Honoris Causa* por universidades públicas brasileiras: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O artigo pretende ratificar o entendimento acerca de Nei Lopes como um griô na contemporaneidade. O presente trabalho acadêmico promoverá uma reflexão sobre essa linha de pensamento, com base nos estudos de Amadou Hampâté Bâ publicado no artigo “A Tradição Viva” (2010). Também utilizará uma obra literária do próprio autor, o livro “Afro- Brasil Reluzente: 100 Personalidades Notáveis do Século XX<sup>2</sup>” (2019), para tornar mais acessível a compreensão da arte de ser griô, com exemplos de histórias de vida das personalidades citadas no livro.

Nessa obra, o escritor Nei Lopes retrata cem personalidades negras que tiveram destaque ao longo dos anos. Foram escolhidos não só homens e mulheres que estão vivos, mas também, aqueles que já faleceram. O livro não utiliza imagens, no sumário apresenta apenas o nome mais conhecido da personalidade em questão, juntamente com um subtítulo que retrata uma característica referente à história de vida da pessoa citada no livro.

Além de revelar a atuação de pessoas negras que se tornaram referência em suas áreas, o autor dialoga com a memória e representatividade negra como orientadores para os desafios na contemporaneidade.

Neste trabalho, a referência para o entendimento acerca de griôs na África Ocidental, segundo a tradição bambara, será o estudo de Amadou Hampâté Bâ publicado no artigo “A Tradição Viva” (2010). Tal trabalho faz parte da primeira coleção da História Geral da África lançada pela UNESCO e o Ministério da Educação. São oito volumes que abordam desde a pré-história do continente africano até sua história recente; e tem como objetivo repensar e compreender as sociedades e culturas africanas, demonstrando assim a importância da África.

A escrituração será dividida nas seguintes partes:

- Introdução: Relatar brevemente a minha motivação para o trabalho acadêmico; um resumo de vida de Nei Lopes; texto base para conceito de griô (Amadou Hampâté Bâ) e o livro “Afro-Brasil Reluzente...”.
- Desenvolvimento: Apresentar a linha de pensamento acerca da arte de ser griô no fazer intelectual de Nei Lopes, ressaltando também a importância da memória e representatividade.
- Referências: Citar todos os textos utilizados no trabalho.
- Proposta Pedagógica: Possibilitar o uso pedagógico do livro “Afro-Brasil Reluzente...”.
- Ilustração: Ilustrar com imagens de personalidades negras e do meu acervo pessoal, o presente trabalho.

Cabe ressaltar que no presente trabalho, escolhi dentro de um critério pessoal alguns trechos das histórias de vida de algumas das personalidades negras, a fim de ilustrar e exemplificar o trabalho sobre a arte de ser griô, no fazer intelectual de Nei Lopes.

---

<sup>2</sup> Dados os limites desse trabalho, daqui em diante, o referido livro será denominado apenas como, “Afro-Brasil Reluzente...”.

À vista disso, encerro essa parte com um samba feito por Luiz Carlos da Vila<sup>3</sup> chamado “Nas Veias do Brasil” sobre a questão da negritude, atitude e reconhecimento das origens africanas. É sobre como isso tudo é importante e como isso fica bem nítido no trabalho do Nei Lopes, como grande intelectual dos estudos sobre o negro.

Os negros trazidos lá do além-mar  
 Vieram para espalhar  
 Suas coisas transcendentais  
 Respeito ao céu, a terra e ao mar  
 Ao índio veio juntar  
 O amor, à liberdade A força de um baobá  
 Tanta luz no pensar  
 Veio de lá a criatividade

Tantos o preto velho já curou  
 E a mãe preta amamentou  
 Tem alma negra o povo  
 Os sonhos tirados do fogão  
 A magia da canção  
 O carnaval é fogo  
 O samba corre  
 Nas veias dessa pátria - mãe gentil  
 É preciso altitude  
 De assumir a negritude  
 Pra ser muito mais Brasil  
 (NAS VEIAS DO BRASIL, 2005).

## 2 DESENVOLVIMENTO

O intuito do artigo é justamente a compreensão de que Nei Lopes é um griô, tendo em vista a riqueza de suas produções em diversas áreas, como a música e a escrita. Irei utilizar a forma aportuguesada (griô) para *griot* “termo franco-africano, criado na época colonial, para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens e famílias importantes das quais, em geral, está a serviço” (Lopes, 2006, p. 73).

Neste trabalho, o grande tradicionalista malinês Amadou Hampâté Bâ (1900-1991) que nasceu em Bandiagara, será o referencial teórico sobre os estudos acerca do ofício de griô. Ele foi um escritor, historiador, pesquisador que tinha como missão preservar a tradição oral africana, dessa forma os saberes ancestrais seriam transmitidos de geração para geração.

Figura relevante das sociedades africanas, o griô é um sábio contador de histórias e depositário das memórias de seu povo. Transmissor dos saberes da tradição oral e que através do poder da palavra, torna-se elemento de resistência cultural do seu povo.

De acordo com Hampâté Bâ (2010,p.181): “entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura”.

Nesse trecho, o autor apresenta o conflito entre a cultura escrita do colonizador e o saber advindo da oralidade. A visão eurocêntrica hierarquiza a credibilidade à oralidade em relação à escrita, quando se envolve testemunhos de fatos passados. É uma percepção errônea pensar que relatos orais são menos fidedignos enquanto fonte de saber. Nada

<sup>3</sup> Luiz Carlos da Vila, nome artístico de Luiz Carlos Batista. É um cantor de samba e compositor da música Nas Veias do Brasil, do álbum *Um Cantar à Vontade*, ano 2005. Faleceu no dia 20 de outubro, em 2008.

justifica dizer que a escrita é o único meio de ser mais realista de acontecimentos e sendo assim, superaria a tradição oral do testemunho de fatos.

Na África, o homem está ligado à palavra de acordo com a narrativa apresentada nesse texto por Amadou Hampâté Bâ, o criador do mundo chamado de *Maa Ngala*, criou um homem a quem denominou de *Maa*. Ao lhe dar a vida, *Maa Ngala* entregou também o dom da mente e da palavra, tornando-o conhecedor de todos os elementos e o guardião da harmonia do universo. *Maa* transmitiu a seus descendentes os ensinamentos de seu criador, constituindo a partir daí, uma potente forma de transmissão oral. A palavra tem uma força divina.

Nas sociedades tradicionais africanas, a palavra de um homem possui uma extrema importância, ele possui responsabilidade sobre o que se diz. De acordo com esse pensamento, a mentira é um desvio de caráter seríssimo. Aquele que falta com a verdade à palavra causa uma falta ética séria na sua vida.

A fala humana possui um papel central nessas sociedades africanas, pois potencializa a questão do poder, querer e saber, relacionando-se como forças em movimento em direção à preservação de saberes. Por isso, os mestres do conhecimento possuem um papel de relevância na preservação da cultura africana.

Além da oralidade, é necessário reconhecer a importância da memória e conhecimento acumulados ao longo da vida e para sua perpetuação, em determinadas comunidades africanas existem os tradicionalistas, grandes depositários da herança oral.

O escritor malinês apresenta diferentes categorias de mestres da tradição oral, segundo a filosofia bambara:

Em bambara, chamam-nos de *Doma* ou *Soma*, os “Conhecedores”, ou Donikeka, “fazedores de conhecimento”; em fulani, segundo a região, de *Silatigui*, *Gando* ou *Tchiorinke*, palavras que possuem o mesmo sentido de “Conhecedor”. Podem ser Mestres iniciados (e iniciadores) de um ramo tradicional específico (iniciações do ferreiro, do tecelão, do caçador, do pescador, etc) ou possuir conhecimento total da tradição em todos os aspectos. Assim, existe *Domas* que conhecem a ciência dos ferreiros, dos pastores, dos tecelões, assim como das grandes escolas de iniciação da savana — por exemplo, no Mali, o Komo, o Kore, o Nama, o Do, o Diarrawara, o Nya, o Nyaworole, etc (Bâ, 2010, p. 187).

A categoria chamada os “tradicionalistas” detém uma grande memória acerca de fatos passados, transmitidos pela tradição ou de fatos contemporâneos. Além disso, respeitam por demais a verdade. Eles são os grandes detentores da palavra. Há um prestígio da palavra e, nessa linha de pensamento, o homem apresenta fidelidade ao relato que produz.

É possível compreender que os *Domas* são homens treinados para guardar a memória de um povo. Depois de passar por um ritual de iniciação, eles utilizam a memória numa espécie de “documentos vivos” da sociedade. Tratam a mentira como um tabu, respeito à história e sendo considerado ofensivo ter esse tipo de comportamento naquela sociedade. A transmissão de fatos tem que ocorrer com autenticidade, ou seja, utilizam a palavra de forma disciplinada e prudente.

Cabe ressaltar que os chamados *tradicionalistas-doma* não são especialistas, ou seja, as suas formações partem de uma compreensão integrada da existência, de modo que aprendem seus ofícios de forma integrada com a vida, a natureza e todos seus elementos. No sentido de uma compreensão fragmentada dos saberes, como ocorre, por exemplo, em filosofias ocidentais do pensamento científico moderno.

Há também, os animadores públicos ou “griots” (“dieli” em bambara) que são classificados em três categorias, segundo Hampaté Bâ:

- os *griots músicos*, que tocam qualquer instrumento (monocórdio, guitarra, cora, tantã, etc). Normalmente são cantores maravilhosos, preservadores, transmissores da música antiga e, além disso, compositores.
- os *griots “embaixadores”* e cortesãos, responsáveis pela mediação entre as grandes famílias em caso de desavenças. Estão sempre ligados a uma família nobre ou real, às vezes a uma única pessoa.
- os *griots genealogistas*, historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo), que em geral são igualmente contadores de história e grandes viajantes, não necessariamente ligados a uma família (Bâ, 2010, p. 202).

Os griôs são tradicionalistas considerados seres extremamente inteligentes e de absoluta confiança. Muitas vezes conhecidos como contadores de história que utilizavam música e dança diferentemente dos *tradicionalistas-domas*. O poder deles advém do conhecimento que possuem da genealogia e da história das famílias. Eles são os mensageiros das narrativas africanas pelo manejo que possuem ao utilizar a palavra a depender da classe ou tipo de tradicionalista em questão, para perpetuar a ancestralidade a partir da memória, garantindo a continuidade das tradições. Na realidade, os griôs, segundo a tradição bambara, são artistas da palavra, eles possuem uma liberdade especial na maneira como narram a verdade dos acontecimentos, não necessariamente precisam guardar respeito absoluto. Essa liberdade pode ser entendida como a emissão de um juízo crítico a respeito da história de vida dos personagens, algum detalhe que mereça uma atenção em especial.

Nota-se que Nei Lopes é um *griô músico* também, devido às suas inúmeras composições, resultado de seu compromisso com a preservação e exaltação do samba. Dentre elas, destaca-se a música “Coisa da Antiga”<sup>4</sup>. Tal música relata uma narrativa que envolve memórias familiares, o poder da palavra e a resistência cultural.

Na tina, vovó lavou, vovó lavou  
 A roupa que mamãe vestiu quando foi batizada  
 E mamãe quando era menina teve que passar, teve que passar  
 Muita fumaça e calor no ferro de engomar  
 Hoje mamãe me falou de vovó só de vovó  
 Disse que no tempo dela era bem melhor  
 Mesmo agachada na tina e soprando no ferro de carvão  
 Tinha-se mais amizade e mais consideração  
 Disse que naquele tempo a palavra de um mero cidadão  
 Valia mais que hoje em dia uma nota de milhão  
 Disse afinal que o que é de verdade  
 Ninguém mais hoje liga  
 Isso é coisa da antiga, ai na tina...  
 Hoje o olhar de mamãe marejou só marejou  
 Quando se lembrou do velho, o meu bisavô  
 Disse que ele foi escravo mas não se entregou à escravidão  
 Sempre vivia fugindo e arrumando confusão  
 Disse pra mim que essa história do meu bisavô, negro fujão  
 Devia servir de exemplo a "esses nego pai João"  
 Disse afinal que o que é de verdade  
 Ninguém mais hoje liga  
 Isso é coisa da antiga  
 (COISA DA ANTIGA, 1980).

<sup>4</sup>A música Coisa da Antiga é composta por Nei Lopes em parceria com Wilson Moreira, que faz parte do álbum *A Arte Negra de Wilson Moreira e Nei Lopes*, ano 1980.

O objetivo principal do presente trabalho é a obra literária do Nei Lopes. Dentro desse contexto, Hampâté Bâ nos relata que se “dizer genealogista é dizer historiador, pois um bom genealogista conhece a história, as proezas e os gestos de todas as personagens que cita ou, pelo menos das principais”(Bâ, 2010, p. 211).

Assim, é possível compreender a arte de ser um griô no fazer intelectual de Nei Lopes, na obra “Afro-Brasil Reluzente...” (2019), segundo a tradição bambara, o escritor narra com maestria histórias de cem personalidades negras que tiveram importância na história nacional. São biografias com fatos relevantes da trajetória dos negros e negras notáveis desse meu Brasil.

Na contemporaneidade, Nei Lopes atua como um griô porque ele é capaz de transmitir seus saberes ligados à nossa ancestralidade de maneira sublime, relata no livro em questão a história do povo negro brasileiro. É uma espécie de metáfora de preservação da história juntamente com a memória e representatividade. Dessa forma, faz com que pessoas até então invisibilizadas pelo racismo, tornem-se mais conhecidas e, em alguma medida, permaneçam vivas como interlocutores na atualidade.

Alheio ao silêncio e sempre caminhando em direção oposta ao esquecimento, Nei Lopes amplifica vozes da presença negra na construção da memória brasileira. O autor busca não só entreter e reverenciar como também, conscientizar toda uma coletividade negra, a começar pelos leitores de seus livros que normalmente se identificam com a temática apresentada.

O apagamento de uma memória negra impacta na história de seu povo, inviabilizando testemunhos e a recuperação de vida dos seus descendentes. De forma a contrapor um projeto de esquecimento orquestrado pelo pacto da branquitude<sup>5</sup>, iniciativas como recontar a história negra são sempre bem vindas e necessárias a esse país chamado Brasil.

A negritude brasileira sofreu e sofre até hoje com o racismo existente em nosso país, mesmo com a Abolição da Escravatura ter ocorrido há 137 anos. Com o intuito de valorizar as heranças africanas, foi promulgada a lei 10.639 no ano de 2003 que se refere à obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino brasileiros.

Nei Lopes com elegância enaltece a contribuição de cem personalidades negras, nosso conhecimento tem que ser diverso, não há como ter uma única linha de história num país com uma grande diversidade étnico-racial. Há a necessidade de diversificar as fontes de conhecimento, ao ouvir os relatos das narrativas oficiais, sobre as histórias do povo negro. A memória negra atua como elemento de resistência cultural num processo importante que é o de reverenciar personalidades negras, de forma a combater o racismo estrutural existente.

De acordo com Paz (2019, p. 157), a memória serve para proteger e preservar a cultura negra,

O corpo negro, seus valores e projetos civilizatórios africanos e afro-brasileiros na diáspora e todas essas heranças que estão nas esquinas, nos bares, nas ruas, na construção simbólica do espaço geográfico das cidades brasileiras, nos alimentos, no português como língua [pretuguês (...)], no cancionário, nas danças, nos cabelos, nas religiosidades, nunca foram esquecidas, mas constantemente lembradas e historicamente negadas, excluídas, expurgadas, subalternizadas e apagada nas narrativas das memórias da nação de pretensões hegemônicas.

---

<sup>5</sup> Termo cunhado por Cida Bento que significa um acordo não verbalizado de autopreservação, que atende a interesses de determinados grupos e perpetua o poder de pessoas brancas. A esse fenômeno, Cida Bento nomeou como “Pacto Narcísico da Branquitude”. Tal linha de pensamento encontra-se no livro da própria autora chamado O Pacto da Branquitude, publicado pela Companhia das Letras, no ano de 2022.

As tradições dos nossos antepassados e os grandes feitos da coletividade negra persistem no tempo e a intenção do autor é que se propaguem eternamente os grandes feitos. Numa tentativa clara de não invisibilizar as conquistas negras e perpetuar esse conhecimento até as futuras gerações.

Trata-se de salientar a importância da África na formação do Brasil, ampliar o conhecimento de mundo dos cidadãos de uma maneira que no futuro a imagem de inferioridade dos afrodescendentes não seja mais recorrente. O intuito é que as pessoas valorizem toda a cultura africana e afro-brasileira e, pensando no coletivo, aumentar a autoestima do povo negro, sobretudo a dos mais jovens.

Lopes (2019) observa a questão da valorização da cultura negra como exemplo, na trajetória musical de Gilberto Gil, onde compartilha a sua opinião com os leitores:

Gilberto Passos Gil Moreira nasceu em Salvador, Bahia, no dia 26 de junho de 1942. [...] Segundo o juízo crítico compartilhado pelo autor deste livro, Gilberto Gil é o compositor que, até a atualidade, mais se aprofundou nas raízes africanas da música popular brasileira. E isso porque busca e dá ênfase às coisas novas enraizadas no passado, bem como na modernidade do cancionário da diáspora africana nas Américas (Lopes, 2019, p. 136 e 137).

É indiscutível a qualidade e a grandiosidade da musicalidade feita por Gilberto Gil, a temática da negritude é uma recorrente nas suas letras. Gil é um poeta em movimento, cabe observar que além de ótimo cantor, também é um excelente compositor.

Além disso, de acordo com Paz (2019), em um artigo em que reflete sobre o papel da memória, é possível obter outro significado:

É partir das perspectivas produzidas pelos povos africanos e negro-africanos na diáspora, onde morte e vida não estão separadas, e vida é tida como parte da morte e a morte como parte incomensurável da vida, que sustentamos a ideia de que morrer não significa tão somente a morte biológica do corpo (Paz, 2019, p. 156).

Trata-se de aceção da memória no que se refere ao culto dos antepassados. A noção de morte, presente em diversas filosofias tradicionais africanas, significa dizer que não possui o sentido contrário à vida. Por isso, a importância do culto aos ancestrais nesses territórios, que permanecerão vivos enquanto lembrados e cuidados por suas comunidades. Mesmo após a morte, os feitos de alguém são celebrados em vida. A morte é só uma mudança de estado relacionada ao plano espiritual, não cessa com a morte física. A ancestralidade é fundamental para a preservação das tradições, onde os ensinamentos serão transmitidos para as gerações futuras, garantindo a continuidade do culto aos ancestrais, o saber sagrado. Numa perspectiva ocidental, há uma diferente linha de pensamento, o medo da morte faz parte do cotidiano da vida das pessoas, ou seja, segundo esse tipo de pensamento, a morte é o fim de tudo.

No livro percebe-se esse cuidado do Nei Lopes ao retratar também biografias de personalidades que já faleceram também, mas que por toda sua trajetória, lutas, saberes continuam “vivas”. Foram e serão lembradas como referências em suas áreas. É uma forma de honrar e garantir o bem-estar dos vivos. Tudo que eles fizeram continua a impactar a vida da negritude, mesmo após a passagem para o mundo dos ancestrais, como por exemplo, Luiz Carlos da Vila que sempre disse “O Show Tem Que Continuar”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> A música “O Show Tem Que Continuar” foi composta por Arlindo Cruz, Sombrinha e Luiz Carlos da Vila. O Grupo Fundo de Quintal gravou essa música no álbum *O Show Tem Que Continuar*, em 1988.

Em relação a essa opção do Nei Lopes de citar no livro “Afro-Brasil Reluzente...” o cantor e compositor Luiz Carlos da Vila, ele demonstra o quanto a nossa atuação em vida vai reverberar mesmo após a morte, dependendo da quão grandiosa foi a arte produzida em vida.

Em 2009, o Governo do Estado do Rio de Janeiro inaugurou, na comunidade do Jacarezinho, o Colégio Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila, primeira obra realizada pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) no Rio. Em 2013, o espaço cênico da casa de samba Carioca da Gema foi reinaugurado com o nome de Palco Luiz Carlos da Vila. No Carnaval de 2015, a escola de samba Viradouro desfilou com o enredo “Nas veias do Brasil, e a Viradouro em um Dia de Graça”, inspirado em duas composições de autoria do saudoso artista. Em 2018, foi publicado o livro *Princípio do infinito: Um perfil de Luiz Carlos da Vila* (Numa Editora), escrito por Luiz Antonio Simas e Diogo Cunha, com capa ilustrada por Mello Menezes. Luiz Carlos da Vila vive. E ainda brilha (Lopes, 2019, p. 88).

A memória ocupa um lugar essencial na luta antirracista, porque traz ao presente personalidades fundamentais na construção de uma consciência racial. Não é somente uma recordação intencional, a memória negra é uma construção que traz uma simbologia feita em nome de um coletivo que revela valores à experiência passada, por reforçar os vínculos afetivos e difunde ensinamentos ancestrais em prol da comunidade.

Percebe-se na obra “Afro-Brasil Reluzente...” a revisão das narrativas sobre as conquistas de um povo negro “vitorioso”, no sentido de ultrapassar todas as barreiras da vida e mesmo assim produziu grandes realizações. Essas vitórias, normalmente, são algo que as elites querem apagar ou mesmo esquecer.

Esse avanço coletivo por parte da população negra, não deve ser lido numa perspectiva meritocrática, ou seja, dado o contexto estrutural do racismo em que estão inseridos, os cidadãos negros não possuem normalmente condições sociais e materiais iguais aos outros membros privilegiados da sociedade. Essa ideia de meritocracia serve apenas para perpetuar desigualdades sociais e raciais que caracterizam o nosso país.

Pensar numa categoria de memória como um exercício de um *lembrar negro do negro*, que permita aos negros e negras se refazerem para além das dores, das chagas, marcas e traumas da colonização e do escravismo, isto é, reconstruir a si mesmo. Memória como um lembrar de si, um narrar a si mesmo, compreendendo a escrita de si como estratégia de movimentar-se ancestralmente para além da dor, mas sem negá-la, sem obliterá-la das linhas escritas, faladas ou performadas. (Paz, 2019, p. 162).

Uma resignificação da memória significa entender o sujeito negro como sujeito histórico que foi escravizado, trouxe consigo marcas e possui conhecimentos que precisam transformar a sociedade que o cerca. Uma vez que sua história é anterior e transcende o período da escravização. Preservar a memória, o passado é antes de tudo, uma escolha política que impacta em caminhos de transformação social na sociedade brasileira. Nei Lopes reflete uma opção política, fruto de um esforço incansável da sua jornada como escritor, ao reconhecer a importância das contribuições afrodescendentes às narrativas oficiais da história brasileira. No livro “Afro-Brasil Reluzente...” essa opção política de lidar com a pauta racial, fica evidente na escolha de biografia sobre o ilustre sambista e escritor Martinho da Vila:

Em outubro de 2017, Martinho da Vila, na condição de “cantor, compositor, músico, escritor, poeta e defensor da cultura negra”, tornou-se também doutor *honoris causa* pela UFRJ por seu trabalho como mediador entre a cultura popular e a erudita e por suas qualidades biculturais de mestre popular e de ídolo da indústria cultural. (Lopes, 2019, p. 418).

Além da escolha política, há também, o respeito à sabedoria do mais velho na transmissão de seus saberes para a sociedade, sobretudo aos mais jovens. Já dizia Hampâté Bâ num famoso provérbio africano: “quando um ancião morre, é uma biblioteca que se queima”. Na obra em discussão, Nei Lopes atua como potencializador intergeracional<sup>7</sup>, ou seja, possui uma função social que possibilita que entre as gerações diversas, sejam compartilhados saberes e histórias, como patrimônio de uma memória coletiva. Essa troca de conhecimento é possível de ser realizada em espaços de convívio, como a escola, no seio familiar e na comunidade em que se vive.

A memória para os afrodescendentes brasileiros é algo fundamental, num país que vem ao longo dos anos, modificando a sua postura no enfrentamento ao racismo, numa perspectiva histórica de dialogar com as lutas por reparação e justiça em que pese à questão racial. O compromisso político por parte do autor revela um desejo de uma sociedade mais justa e igualitária entre os seus membros, consciente de que precisa valorizar a perspectiva afro-brasileira no tocante à memória de seus antepassados. Até porque é um desafio numa sociedade como a nossa, reconhecer a diversidade cultural e incentivar o respeito às diferenças. E ter consciência de que é preciso aprender com o passado para criar um presente mais justo, mais igualitário e inclusivo.

Outro assunto relevante refere-se à importância da representatividade negra na contemporaneidade, no tocante à linha temática de uso de personalidades negras em lugares de destaque. Mais do que isso, tornam-se referências em suas áreas e permitem à negritude se espelhar em exemplos positivos para a vida.

É notório que a questão da representatividade negra vem tendo cada vez mais uma grande importância no Brasil, visto que houve possibilidades de ascensão social por parte das pessoas negras e conseqüentemente, um questionamento à falta de referências negras nos diversos setores da sociedade. A representatividade no tocante à perspectiva racializada, diz respeito ao fato de incluir e destacar indivíduos negros nos mais diferentes segmentos sociais.

Enfim, o que chamamos de representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia. Eis a questão: seria, por exemplo, a presença de pessoas negras ou indígenas em posições de poder e destaque suficiente para combater o racismo? Para algumas pessoas, a existência de representantes de minorias em tais posições seria a comprovação da meritocracia e do resultado de que o racismo pode ser combatido pelo esforço individual e pelo mérito. Essa visão, quase delirante, mas muito perigosa, serve no fim das contas apenas para naturalizar a desigualdade racial. Mas o problema da representatividade não é simples e tampouco se esgota nessa caricatura da meritocracia. Não há dúvidas de que a representatividade é um passo importante na luta contra o racismo e outras formas de discriminação, e há excelentes motivos para defendê-la. (Almeida, 2019, p. 109).

É necessário, entender que para a construção de identidade de pessoas de grupos racializados, as pessoas necessitam dialogar com o nosso perfil racial dentro do contexto social. Representatividade importa e muito seja na mídia, no serviço público ou privado, no âmbito escolar. Ressalta-se que é importante para a população negra se ver nos lugares prestigiados, até para sua autoafirmação como indivíduo propenso a estar em qualquer lugar que sonhe, deseje estar.

<sup>7</sup> Ver mais sobre o conceito em: FERREIRA, Fernanda Noronha de Paiva. **Kindezi: Possibilidades e Reflexões sobre a Arte de Cuidar nos Espaços de Educação Infantil**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização Ererebá) – Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Cabe fazer uma ressalva ao uso do termo “minorias” para referir-se ao povo negro, ele está inserido em qual contexto?! Se for relacionado a poder político e econômico, revela a realidade, já que a maior parte da população negra é marginalizada, ou seja, fora do poder nesse contexto. Em termos sociais, a população negra é maioria no país, porém conta com uma grande dificuldade de acesso às políticas públicas, espaços de decisão, à saúde e à educação.

Em relação a outros grupos étnico-raciais, a questão da representatividade nunca foi algo que faltasse na vida deles, até porque sempre foi bem naturalizado pessoas brancas ocuparem espaços de poder na sociedade. A conjuntura da estrutura social e racial da sociedade brasileira não é um fator conflitante para que essa diferença seja notada e questionada por quem se vale dela.

Na obra em discussão “Afro-Brasil Reluzente...”, Nei Lopes aborda a questão da representatividade ao contar em forma de biografias um resumo de vida de cem personalidades negras. Há um número maior de homens negros que mulheres negras, sendo assim destacarei dois exemplos bem atuais: o ator, apresentador e escritor Lázaro Ramos e a filósofa e escritora Djamila Ribeiro:

Hoje um dos atores mais prestigiados do país, astro de produções cinematográficas, protagonista de séries e novelas, Lázaro Ramos é embaixador do UNICEF no Brasil e se dedica a projetos de incentivo à leitura entre jovens, além de discutir formas de reduzir a desigualdade na educação e aumentar a autoestima de crianças em situação de risco ou carentes. [...] Em 2017, Lázaro lançou *Na minha pele*, um livro que levou dez anos para escrever, misturando memórias com a discussão de questões sociais, de identidade e raciais. E em meados de 2019, contabilizava: seis telenovelas; 23 peças de teatro, 32 filmes e cinco livros. E lançava seu primeiro disco com músicas para crianças, *Viagens da caixa mágica*, enquanto finalizava, como diretor, o filme *Medidas provisórias* e iniciava uma nova temporada de seu bem-sucedido programa de entrevistas *Espelho*, no Canal Brasil. (Lopes, 2019, p. 228 e 229).

Graduou-se em 2012 e emendou no mestrado, focando os estudos nas obras das filósofas feministas Simone de Beauvoir e Judith Butler. [...] Djamila lançou seu primeiro livro, *O que é lugar de fala?*, parte da coleção *Feminismos Plurais* – organizada por ela –, pela editora Letramentos. [...] Em 2018, lançou seu segundo livro, *Quem tem medo do feminismo negro?*, em que recupera memórias da infância e da adolescência para discutir o silenciamento da voz e da personalidade de mulheres negras no Brasil. Cosmopolita, falando “alto” e intermediando a comunicação entre milhares de pessoas – como o idioma afro-litorâneo de onde veio seu nome-, a influência da santista Djamila ultrapassou barreiras e fronteiras. Tanto que, em março de 2019, foi escolhida pelo governo da França como representante do Brasil no programa “Personalidade do amanhã”. (Lopes, 2019, p. 272).

Dessa forma, pode-se notar que a existência de pessoas negras dentro de ambientes de poder, comprometidas com a pauta negra, pode viabilizar pautas relacionadas às questões raciais em prol de um projeto político coletivo. E fazer também com que o lugar do negro seja questionado, já que ocupamos rotineiramente lugares ligados à subalternidade.

Em suma, a representatividade negra faz com que a população racializada se permita projetar-se em espaços novos, levando em conta a necessidade de pertencimento étnico-racial nas trajetórias de construção representativa nos diversos segmentos sociais.

### 3 CONCLUSÃO

O propósito do artigo era o de verificar se o escritor Nei Lopes poderia ser considerado um griô na contemporaneidade, e realmente foi verificado que essa arte de ser griô faz parte do seu fazer intelectual. Ele atua como um griô, um guardião da memória, transmitindo seu saber ancestral à contemporaneidade, ou seja, aos leitores. O autor compartilha ensinamentos como ancestralidade, memória e representatividade. O livro “Afro-Brasil Reluzente...” demonstra que Nei Lopes, segundo a tradição bambara, é um griô genealogista, ou seja, conhece bem os personagens citados na obra em questão. Possui uma liberdade especial para selecionar os fatos de acordo com a narrativa de cada pessoa citada, e não necessariamente com a expectativa do leitor. Tal linha de pensamento inclui a memória negra como um elemento de resistência cultural, porque permite fazer reflexões sobre as formas de existência e resistência afro-brasileira através de personalidades negras que tiveram destaque na sociedade.

No tocante à memória cabe ressaltar que possui diferentes acepções, por exemplo, o cuidado que as filosofias tradicionais africanas possuem com a questão da morte, que não tem sentido contrário à vida, mas sim de reverenciar a ancestralidade; político, já que combate ao racismo estrutural, na medida em que valoriza toda a cultura africana e afro-brasileira; a importância do mais velho na transmissão de saberes entre as gerações.

Outro aspecto que envolve o conceito de griô trabalhado anteriormente refere-se à representatividade negra. Seria, por exemplo, a presença de pessoas negras em posições de poder suficiente para combater o racismo? A representatividade numa perspectiva racializada contribui para o fortalecimento da vida e dignidade em prol de um coletivo negro, desde que as pessoas nos lugares de prestígio estejam comprometidas politicamente com as pautas negras, ou seja, com a garantia dos direitos para a coletividade negra.

A obra “Afro-Brasil Reluzente...” é uma potente ferramenta antirracista para se trabalhar em sala de aula, de acordo com os parâmetros da lei 10639/03, que obriga o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as instituições de educação básica do país. Ademais, ressalta uma perspectiva positiva referente ao papel dos griôs, como guardiões da memória histórica, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Nei Lopes utiliza uma linguagem objetiva e acessível para transmitir valores ancestrais, através das personalidades afrodescendentes que são, normalmente, negligenciadas na história do Brasil.

A educação é o melhor meio para se combater o racismo, visto que trabalhar com obras antirracistas possibilita dar visibilidade aos negros dentro de uma conjuntura racista e desigual. Tal atitude é um compromisso político em prol de uma coletividade negra, rompendo paradigmas que desqualificam os negros e reforçam estereótipos depreciativos. A intenção, também, é incentivar o uso de boas referências negras na sala de aula, assim o educador pode transmitir conhecimentos sobre questões ancestrais alinhadas à contemporaneidade. É necessário valorizar a história e cultura do povo negro, porque é uma temática que não deve ficar restrita, somente ao universo dos afrodescendentes, e sim a todos aqueles que buscam formar cidadãos conscientes acerca da diversidade racial existente no Brasil.

Por fim, não poderia deixar de reverenciar o saber do mais velho. Envelhecer é uma dádiva em África, o mais idoso ensina ao mais novo seus ensinamentos nos espaços de convívio. Sendo assim, o mais velho repassa sabedoria ancestral, perpetuando cultura. Para além de ser griô, cabe ao educador incutir nos alunos saberes e conhecimentos, a fim de formar cidadãos conscientes e respeitosos com o aprendizado do ser mais velho, seja na família ou na escola para os desafios na contemporaneidade. Axé!

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana**. Brasília, DF: Planalto, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira” e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 jan. 2003.
- PAZ, Francisco Phelipe Cunha. Memória, a flecha que rasura o tempo: reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo. **Problemata: R. Intern. Fil.** v. 10. n. 2, p. 147-166, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49127/28615>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. *In*: KIZERBO, Joseph. **História da África: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2010. 1v.
- LOPES, Nei. **Afro-Brasil Reluzente: 100 personalidades notáveis do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- LOPES, Nei. **Dicionário Escolar Afro-Brasileiro**. São Paulo: Selo Negro, 2006.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

## APÊNDICE A – PROPOSTA PEDAGÓGICA

ENTREVISTA do Nei Lopes sobre o livro “Afro-Brasil Reluzente: 100 Personalidades Notáveis do Século XX”. Produção de TV Cultura. 1 vídeo (4min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jqXvfHrgoik> Acesso em: 25 mai. 2025.

### Plano de Aula

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Nível de Ensino:** Ensino Médio

**Ano / Série:** 3º ano

**Duração:** 150 minutos

**Tema:** Personalidades Negras

**Problema:** A questão da representatividade negra possui relação com as trajetórias de construção representativa nos diversos segmentos sociais?

**Objetivo Geral:** Refletir acerca do uso de personalidades negras como referência em sala de aula.

**Objetivo Específico:** Relacionar o racismo em relação a não visibilidade da negritude na história do Brasil.

**Conceitos / Noções:** Representatividade negra

**Conteúdo:** A importância da negritude como sentido de referencial positivo.

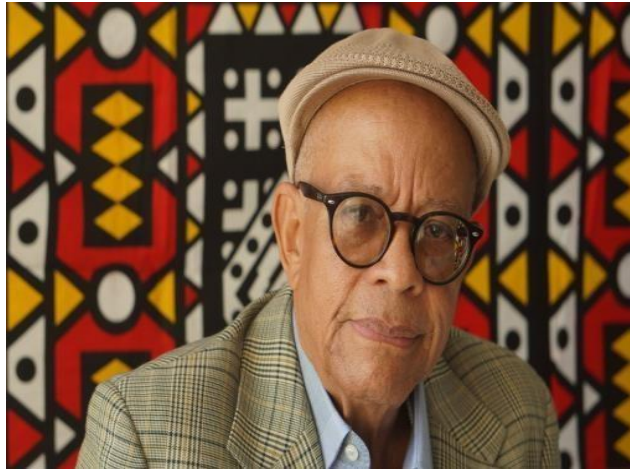
**Procedimentos e Estratégias:** Trabalhar com os estudantes a questão da representatividade negra, a partir das personalidades negras citadas no livro “Afro-Brasil Reluzente...” e das referências negras pessoais dos alunos.

**Recursos Didáticos:** Transmitir o vídeo da entrevista do Nei Lopes sobre a obra “Afro-Brasil Reluzente...” pelo retroprojeto; apresentar o livro “Afro-Brasil Reluzente...”; realizar análise da entrevista/livro e dividir a turma em grupos para a execução de tarefas.

**Avaliação:** Realizar uma Feira Cultural na Semana da Consciência Negra, em que os alunos montarão um painel com personalidades negras retiradas do livro “Afro-Brasil Reluzente...”. Ademais, realizar também, um livro coletivo de referências negras deles mesmos, pode ser alguém negro/negra que tenha se tornado um referencial positivo em suas vidas, por exemplo, alguém da família, da escola, enfim, referente aos espaços de sociabilidade dos alunos.

## ANEXO A – ILUSTRAÇÕES

**Figura 1** – Nei Braz Lopes



Fonte: Instituto dos Advogados Brasileiros (2022).

**Figura 2** – Amadou Hampâté Bâ (in memoriam)



Fonte: Caderno de Matérias (2012).

**Figura 3** – Meu tio Eleutério de Oliveira (in memoriam)



Fonte: Acervo pessoal (2025).

**Figura 4** – A própria autora do artigo, Raysa Maria Oliveira dos Reis



Fonte: Acervo pessoal (2025).

**Figura 5** – Meus pais, Marcos César Gomes dos Reis e Maria de Fátima Oliveira dos Reis



Fonte: Acervo pessoal (2025).

**Figura 6 – Martinho da Vila**



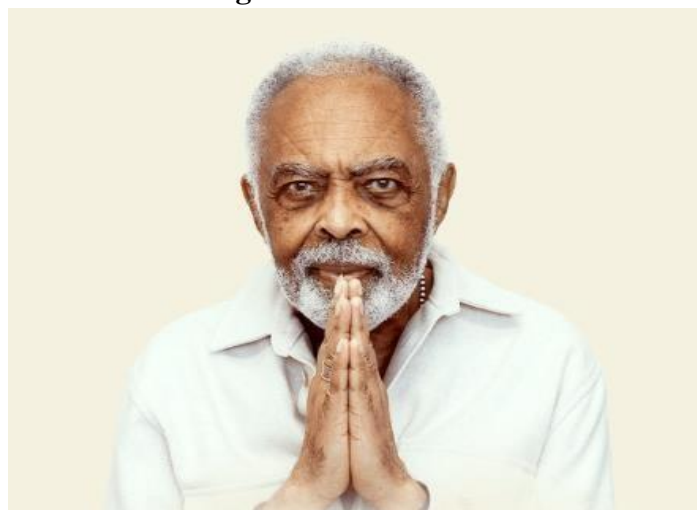
Fonte: EM (2022).

**Figura 7 – Luiz Carlos da Vila (in memoriam)**



Fonte: Dicionário MPB (2025).

**Figura 8 – Gilberto Gil**



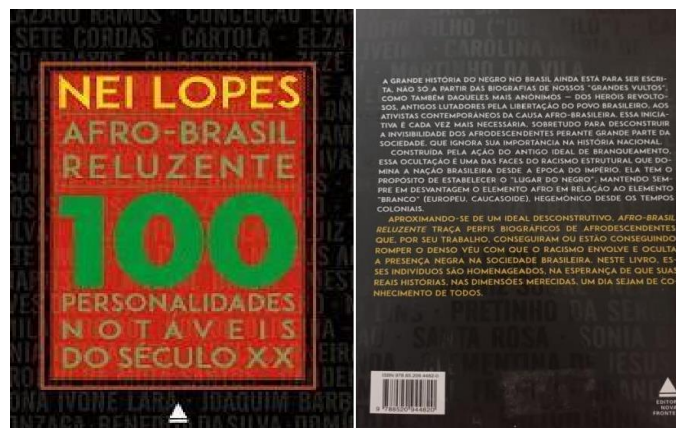
Fonte: Alma Preta (2025).

**Figura 9 – Lázaro Ramos**

Fonte: G1 (2017).

**Figura 10 – Djamila Ribeiro**

Fonte: Notícia Preta (2022).

**Figura 11 – Livro Afro-Brasil Reluzente: 100 Personalidades Notáveis do Século XX**

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus guias espirituais, aos orixás e a toda ancestralidade.

Agradeço à minha família pelo apoio, ajuda e compreensão por tudo.

Deixo aqui registrado em especial, sou grata a meu falecido tio Eleutério de Oliveira. E também, grata a meu primo Vítor Rebello, por ter me indicado o livro do Nei Lopes para a confecção do artigo.

Agradeço à instituição Colégio Pedro II, por tudo de melhor que vem proporcionando à minha vida, no quesito conhecimentos, desde o curso de especialização em Ensino de História da África, em 2019.

Agradeço ao corpo docente do curso EREREBÁ turma 2023, por todos os momentos de aprendizado e convívio, durante todo esse tempo de curso.

Agradeço, também, a minha orientadora Aline Cristina Oliveira do Carmo. Por todo aprendizado adquirido e por me fazer acreditar que era possível realizar a escrita.

Agradeço aos caros colegas de turma, foi ótimo conviver com todos vocês.

Por fim, muito obrigada mais uma vez ao Colégio Pedro II, pela oportunidade de aprofundar meu intelecto, adquirir saberes e vivências eternas.

Axé!